

# Quase 6 milhões deixam condição de miseráveis

Em 2006, 5,9 milhões de brasileiros deixaram de ser miseráveis, segundo estudo da Fundação Getúlio Vargas, com base na Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (Pnad).

Em relação a 2005, a queda no número de miseráveis foi de 15%. No primeiro mandato do governo Lula, a miséria caiu 27,7%, ante 24,3% em todo o governo FHC. **PÁGINA B7**

# Interior gera mais emprego em Minas

QUEILA ARIADNE

A maior parte dos empregos assalariados fica nas regiões metropolitanas. No caso de Belo Horizonte, essa concentração não é tão grande assim. Enquanto as capitais do Norte e Nordeste centralizam mais de 60% de todos os empregos de seus Estados, a capital mineira concentra apenas 31,7% dos trabalhadores de Minas Gerais. Em Manaus, por exemplo, a concentração chega a 87,2%. O coordenador da Pesquisa de Emprego e Desemprego do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), Carlindo Rodrigues, explica que a descentralização profissional é mais comum na região centro-sul, devido à diversificação da estrutura produtiva.

No caso de Minas Gerais, esclarece o pesquisador, é natural encontrar uma disseminação maior dos empregos, pois o Estado abriga vários pólos econômicos importantes. "Grandes empresas instaladas no Triângulo, Zona da Mata e Sul de Minas, por exemplo, contribuem para essa pulverização, sem falar no fato de o Estado ser o maior do Brasil em número de municípios, com 853 cidades", destaca Rodrigues.

Entre as atividades que mais ocupam pessoas no Estado, estão "comércio, reparação de veículos, objetos pessoais e domésticos", "indústria de transformação", "administração pública, defesa e seguridade social" e "atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas".

Nacionalmente, esses quatro grupos concentraram 71,9% das pessoas ocupadas em 2005. Juntas, estas atividades responderam por 60,5% do pessoal assalariado formal e 60,4% dos salários e outras remunerações apuradas pelo cadastro.

## R\$ 444 bi em salários

O levantamento do IBGE aponta ainda que entre as empresas incluídas na pesquisa, houve um desembolso de R\$ 444,3 bilhões em salários e remunerações em 2005, um aumento de 22,8% em relação ao que foi desembolsado em 2000. Em contrapartida, de acordo com o cálculo de salários mínimos médios, o salário médio mensal caiu de 5 salários-mínimos, no ano 2000, para 3,7 em 2005.

Nas empresas com 500 empregados ou mais o salário médio caiu de R\$ 1.622,40, em 2000, para R\$ 1.462,15, em 2005. Apesar de apresentarem maior quantidade de empregados, estas empresas correspondem a 0,1% do total, enquanto empresas compostas por até quatro pessoas representam 83%.

Os Estados com níveis de salário médio mensal mais altos foram o Distrito Federal (6,8 salários-mínimos), São Paulo (4,5), Rio de Janeiro (4,3), Amapá, (4,0), e Roraima (3,9). Já as unidades da Federação com os salários médios mensais mais baixos (em número de salários mínimos) estavam todas localizadas no Nordeste: Alagoas (2,1), Paraíba (2,4), Piauí (2,4), Pernambuco (2,6), Maranhão (2,5) e Ceará (2,5). De acordo com o levantamento, 5,7 milhões de empresas brasileiras empregavam 32,2 milhões de pessoas em 2005, com crescimento de 28,5% em relação a 2000. **(Com agências)**

## Salário se desvalorizou 4,4% desde 2000

RIO DE JANEIRO – O salário médio mensal real, indexado pelo IPCA, dos empregados brasileiros registrou queda de 4,4% entre 2000 e 2005, de acordo com o levantamento do Cadastro Geral de Empresas (Cempre), divulgado ontem pelo IBGE. A maior queda foi registrada nas empresas, cuja redução ficou acima da média, em 5,7%, levando o salário médio mensal para R\$ 975,52 em 2005. Já quando se analisa a remuneração média mensal em salários mínimos, houve uma redução para 3,7 salários mínimos médios em 2005, contra 5,0 em 2000.

Segundo Roberto Santana, gerente de planejamento e análise do Cadastro, a queda pode significar rotatividade e uma política de reajuste de salários rígida para quem ganha mais. "Embora tenha havido aumento do salário-mínimo acima da inflação no período, isso não se refletiu nos salários como um todo", disse.

De acordo com levanta-

mento feito Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Minas Gerais é responsável por 10,6% dos empregos gerados no país, o segundo maior do Brasil, atrás apenas de São Paulo, o qual detém 30% dos empregos.

O restante da Região Sudeste tinha 22,1% no período, seguida das regiões Sul (18,5%), Nordeste (16,8%), Centro-Oeste (7,8%) e Norte (4,7%). O cadastro revela ainda que a remuneração média mensal no Brasil correspondeu a 3,7 salários-mínimos naquele ano, considerando o total de salários pagos pelas empresas e outras organizações ativas.

De acordo com o levantamento, 5,7 milhões de empresas brasileiras empregavam 32,2 milhões de pessoas em 2005, com crescimento de 28,5% em relação a 2000. O estudo reúne informações econômicas nos setores de indústria, construção, comércio e serviços. (Agência Estado)

## MISÉRIA X EMPREGO

Enquanto o número de miseráveis diminui, o universo da carteira assinada mostra que o salário médio pago no país caiu desde o ano 2000



### QUANTO PAGAM AS EMPRESAS

#### Salário médio mensal do brasileiro

2005	R\$ 975,5
2004	R\$ 1.044,95
2000	R\$ 1.034,86

- O salário médio pago em 2005 foi 1,5% maior que a remuneração de 2004, mas caiu 26% quando comparado com 2000, de 5 para 3,7 salários-mínimos
- O segmento formal da economia brasileira tem 5,7 milhões de empresas e outras organizações ativas, um crescimento de 5,5% frente a 2004

### QUEM EMPREGA (%)



- ✓ A administração pública significa apenas 0,4% do número de empresas em 2005, mas emprega 24,1% do total de pessoal ocupado. No Norte, Nordeste, Centro-Oeste representa a atividade que mais emprega



### DIMENSÕES

Tamanho da empresa	percentual do total de empresas
Até 4 pessoas ocupadas	83%
De 5 a 9 pessoas	9,3%
De 10 a 19 pessoas	4,5%
De 20 a 29 pessoas	1,2%
De 30 a 49 pessoas	0,9%
De 50 a 99 pessoas	0,6%
De 100 a 249 pessoas	0,3%
De 250 a 499 pessoas	0,1%
500 empregados ou mais	0,1%

- Em 2000, 30,8% dos assalariados recebiam até dois salários-mínimos. Em 2005 esse percentual passou a representar 45,2%
- O salário médio dos empregados em empresas com 500 funcionários ou mais era de R\$ 1.622,40 em 2000 e caiu para R\$ 1.462,15 em 2005

### EMPREGADOS POR SETOR

Atividade	Pessoal ocupado em 2005 (%)
Comércio, reparação de veículos, objetos pessoais e domésticos	23,3
Indústrias da transformação	18,4
Administração pública, defesa e seguridade pessoal	18,4
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas	11,9
Todas as outras	28

### RETRATO DA POBREZA

Seis milhões de brasileiros deixaram a linha da miséria em 2006, o que representa uma queda de 15% da miséria entre 2005 e 2006 e o melhor resultado entre todos os 15 anos analisados pela FGV

Mesmo assim, 2 em cada 10 brasileiros ainda ganham até

**R\$ 125**

mensais, valor usado como referência para classificar a miséria

FONTE: IBGE, FGV

### EM MINAS GERAIS

Interior emprega mais que a capital



Participação do pessoal assalariado das capitais em seus Estados (%)

Boa Vista	89,2	Goiânia	46,2
Manaus	87,2	São Luís	46,2
Macapá	84,3	Recife	45,9
Rio Branco	81,5	Belém	45,8
Teresina	68,4	Maceió	43,7
Aracaju	60,4	Cuiabá	41,2
Rio de Janeiro	59,4	São Paulo	39
Fortaleza	54,4	Salvador	36,7
Natal	53,2	Curitiba	31,9
Palmas	51,2	<b>Belo Horizonte</b>	<b>31,7</b>
Campo Grande	51	Vitória	29,7
Porto Velho	50,9	Porto Alegre	27
João Pessoa	47,2	Florianópolis	14,3

## Seis milhões deixam de ser miseráveis

RIO DE JANEIRO – A miséria no país caiu 27,7% no primeiro mandato do Governo Lula, percentual que supera o recuo de 24,3% registrado em todo o governo Fernando Henrique. Os dados são de levantamento feito pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Apenas em 2006, 5,9 milhões de pessoas deixaram de ser miseráveis, uma redução de 15% ante 2006, a maior desde 1987. O estudo também conclui que, desde 1982, as políticas de renda no país acompanham o calendário eleitoral: favorecem a população no ano da campanha e penalizam no seguinte.

A fatia da população que vive em situação de miséria, que era de 35,16% em 1992, recuou dos 22,77% em 2005 para 19,31% no ano passado. O cálculo

da redução da desigualdade na era FHC levou em conta o período de 1993 a 2002, apesar de ter sido eleito em 1994, porque não houve Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (Pnad) neste ano e porque Fernando Henrique foi o mentor do Plano Real.

O levantamento considera em miséria os que vivem com renda per capita familiar inferior a R\$ 125,00 ao mês, que, em 2006, somavam 36 milhões de pessoas em todo o país. Na avaliação do coordenador do trabalho, Marcelo Neri, o início do Real e o ano de 2006 são marcos na redução da miséria no país. "Os dois (Fernando Henrique e Lula) vão ficar para a história como redutores da pobreza." (Agência Estado)